

Etnografia com Crianças / Ethnography with Children

<https://doi.org/10.21814/uminho.ed.36.30>

Julie Delalande

Université de Caen Normandie, CIRNEF, France

Etnografia com Crianças

A realização de pesquisas com crianças exige que ultrapassemos o nosso adultocentrismo, considerando as crianças enquanto grupos sociais e culturais, e não apenas como sujeitos a serem educados. A investigação etnográfica realizada a partir da imersão [no terreno] permite a realização de observações e entrevistas, sendo que o modo como se recolhem os dados é indissociável da representação científica construída sobre o grupo em estudo. Assim, reconhecer as crianças como um grupo social e cultural implica não apenas observar como agem, mas também como se age com elas, como se socializam e como são educadas. As crianças são indivíduos que participam na produção das relações sociais a partir do seu estatuto de menores dependentes dos adultos em termos emocionais, económicos e sociais.

A imersão, ao invés de criar uma situação artificial, permite-nos entrar na vida quotidiana dos entrevistados. A perspetiva de longo prazo deste tipo de estudos – vários meses ou até anos – favorece uma investigação longitudinal que integre várias ferramentas metodológicas. O registo de notas, uma ferramenta de observação por imersão, pode ser surpreendente para as crianças que pretendam dar uma vista de olhos àquilo que o investigador regista, permitindo-lhes ler o que ele escreve, insistindo para que o investigador registre determinado aspeto. Cria-se, assim, a oportunidade de dar a conhecer às crianças o objetivo do trabalho realizado e de mostrar interesse por aquilo que fazem. As entrevistas informais ajudam a interpretar o que é observado, permitindo falar sobre o que estão a fazer, compreender o significado que atribuem às próprias ações e preparar entrevistas formais através das quais é possível questionar as crianças nos termos das suas próprias experiências.

O investigador é confrontado com as dificuldades colocadas pela pouca maturidade das crianças e pelo seu estatuto social, o que as coloca sob a responsabilidade dos adultos, dependendo da autoridade destes e, portanto, numa relação assimétrica. A relação de alteridade interpela o trabalho do investigador, cabendo-lhe adaptar-se aos entrevistados. Por que é que as crianças brincam com minhocas? Que interesse veem nelas? A observação mostra como as minhocas têm um papel no contexto dos jogos e se tornam, em função do seu tamanho, personagens de uma história, frequentemente

a história do “papá, mamã e bebê”, fazendo assim parte de uma cultura de brincadeira amplamente partilhada pelas crianças.

A imersão ajuda o investigador a, gradualmente, encontrar o seu lugar entre as crianças, apresentando-se como alguém disposto a aprender com elas. Deste modo, o investigador sugere uma inversão do modo como habitualmente se estabelece a relação entre grupos de idades distintas, o que se torna ainda mais surpreendente para as crianças, tendo em conta que a pesquisa é realizada na escola, num contexto de transmissão vertical do conhecimento. A confiança das crianças deve ser obtida arriscando e mostrando-lhes o interesse que o investigador tem nas suas ações e nas suas palavras. Independentemente do grau de proximidade que o investigador estabelece com as crianças, permanece um estranho, um adulto que já saiu da infância e que não olha para o mundo do mesmo modo que as crianças ou que não pode, por exemplo, participar num jogo de faz-de-conta do mesmo modo que elas.

A realização de um estudo etnográfico com crianças implica o respeito por valores éticos que se tornam claros à medida que as interações vão decorrendo, mas também a necessidade de prestar atenção adequada às crianças e procurar obter o seu consentimento. Não obstante, as crianças não deixam de ser menores sob a proteção dos adultos e é por esta razão que os adultos, e as instituições a que se encontram ligados, se constituem como intermediários, mediadores e guardiães deste encontro, sendo quem autoriza ou não a investigação e estabelece as condições em que a mesma decorre, recorrendo-se, por vezes, a comissões de ética. A devolução dos dados da pesquisa, os quais constituem uma espécie de oferta dos inquiridos ao investigador, deve ser feita de forma adaptada às crianças, mostrando-lhes, por exemplo, fotos tiradas ou deixando-as ouvir parte das gravações. Com crianças mais velhas, é possível distanciarmo-nos da relação investigador-respondentes, dando-lhes a oportunidade de se envolverem na recolha dos dados. Neste caso, as crianças poderão ficar com o certificado da sua participação, podendo ainda ser recompensadas com pequenos presentes.

As pesquisas que envolvem as crianças na recolha de dados, apesar de ainda serem pouco frequentes, têm como objetivo uma aproximação aos pontos de vista das crianças. Algumas pesquisas participativas incluem fotografias tiradas pelas crianças e comentadas durante as entrevistas, visitas guiadas pelas crianças a locais que lhes são significativos e outras ações delineadas pelas próprias. Outros investigadores permitem que se envolvam na recolha e análise de dados, considerando-as formas de

empoderamento das mesmas. Por exemplo, num estudo levado a cabo sobre as admissões às escolas secundárias, os próprios alunos recebem formação em técnicas de entrevista de pares, sendo depois levados a participar na transcrição e análise dos dados e, finalmente, foi-lhes pedido que elaborassem um diário de bordo para todos os estudantes. O envolvimento destas crianças na recolha de dados deve ter em conta a fragilidade da posição em que se encontram perante os pares e perante os adultos que se constituem como intermediários. Contudo, a vantagem destes métodos reside no facto de aumentarem a perceção que as crianças têm da própria cultura de pares, bem como a sua capacidade de socialização. Os respondentes falam para um colega com quem partilham a experiência em questão e que, portanto, a percebe melhor. Para o investigador, estas metodologias geram uma imersão ainda mais profunda, obrigando-o a um distanciamento maior do seu adultocentrismo.

Os temas de investigação relacionados com crianças levantam questões científicas e sociais que nos convidam a refletir sobre a relação que o investigador estabelece com elas enquanto seres sociais possuidores de uma cultura que podem transmitir a outros. O objetivo será o de valorizar estes atores frequentemente vistos como fracos, uma vez que dependem da autoridade dos adultos. Os investigadores que pesquisam sobre as crianças também trabalham para crianças, especialmente quando se encontram em situações de vulnerabilidade. Deste modo, contribuem para uma modificação das representações da infância, favorecendo uma reflexão sobre os valores morais inerentes às relações educativas e ajudando os profissionais que trabalham com as crianças. Assim sendo, o seu trabalho tem um propósito epistemológico, axiológico e praxiológico.

(Tradução de Ana Manso)

Ethnography with Children

Conducting investigations with children requires us to rise above our adult centered approach by considering children as social and cultural groups and not only as beings to be educated. The ethnographic investigation carried out via full immersion allows the conducting of observations and interviews, and the way in which the data is collected is inextricably linked to the scientific representation of the group under study. Data is collected and linked to the scientific results of the group under study. Thinking of children as a social and cultural group implies observing how they act as much as

they are acted upon, and how they socialise as much as they are educated. They are already individuals who participate in the production of social relationships, from their status as minors who are emotionally, economically and socially dependent on adults.

Immersion, far from creating an artificial situation, leads us to enter the daily life of the respondents. The long-term perspective of the study - several months or even years - allows a longitudinal investigation that encompasses several methodological tools. The notebook, a tool of observation by immersion, may be fascinating to children who want to see and read what the researcher writes, insisting that he should record this or that. It creates an opportunity to introduce children to the purpose of the work and to the interest shown in what they are doing. Informal interviews help with the interpretation of what is observed. You can talk to the children about what they are doing, try to understand the meaning they give to their actions and prepare for more formal interviews during which they can be questioned about their experience.

The researcher is confronted with the concrete difficulties posed by the child's level of maturity and social status, which places the child under the responsibility of adults, dependent on their authority, in an asymmetrical relationship. The relationship of otherness challenges the investigator's work, and it is up to the researcher to adapt to the respondents. With questions such as: "Why do children play with earthworms?" and "What interest do they find in this game?", the observation would show how these earthworms find their role in these fictional games and become the characters of a story, often that of "daddy, mommy and baby", depending on the size of the earthworms, and are part of a play culture that is widely shared by children.

Immersion helps the researcher to find his or her place gradually among the children. He/She presents himself as someone who comes to learn from them. As such, he conveys the suggestion of inverting the usual relationships between two age groups, which is all the more surprising for the children since the survey is carried out in a school setting that has initiated the vertical transmission of knowledge. The children's confidence is to be gained by showing them the researcher's interest in their actions and words. Whatever the degree of closeness he establishes with the children, the researcher still remains a stranger, an adult who has left childhood and does not look at the world the same way as they do or cannot immerse himself like they can in a game of make-believe, for example.

Carrying out an ethnographic study with children presupposes the respect of ethical values that become clearer as the interactions take place, by paying adequate attention to the children and seeking their consent. Yet children remain minors under the protection of adults. This is why adults, and the institutions to which they are attached, remain the intermediaries and mediators of the encounter, the gatekeepers, who authorize or prohibit the investigation and set the conditions, sometimes through an ethics committee. The sharing of the data, which is a kind of gift from the respondents to the researcher, takes on a form that is suitable for the children, for example by showing the photos taken, or by having them listen to parts of the recording. With older children, it is possible to move away from the surveyor-surveyed relationship by offering them the opportunity to get involved in the data collection. In this case, the children not only keep the written form of their contribution, but they can also be rewarded with small gifts.

Surveys that involve children in data collection, although still quite rare, aim to understand children's perspectives. Some participatory research combines photographs taken by children and commented on during interviews, guided tours conducted by the children for the researcher in meaningful places, and plans made by the children. Other research allows children to engage in data collection and analysis. This participation is then valued by some researchers as a way of empowering children. For example, in a study carried out on secondary school admissions, the pupils are trained in peer interviewing techniques; they are then asked to participate in the transcription and analysis of the data, and finally encouraged to produce a logbook for all students. The involvement of these children in data collection must take into account their delicate and vulnerable position among their peers and intermediary adults. However, the advantage of these methods is that they extend children's awareness of their peer culture and sociability. The respondent speaks to a peer who shares the experience through questioning him or her and then understands it more fully. For the researcher, these methodologies generate an even deeper immersion and force him to distance himself a little further from his adult centered approach.

The themes of research related to childhood raise a scientific and social issue that invites us to consider the relationship that the researcher establishes with the children, who are social beings with a culture that they can transmit to others. The aim is to value these actors who are often seen as weak since they depend on the authority of adults. Researchers working on children also work for children, especially if these children are in a vulnerable situation. They contribute to transforming the representations

of childhood, call for a reflection on the moral values that are present in educational relationships and provide assistance to the professionals who work with children. Their work, therefore, has epistemological, axiological and praxeological purposes.

Referências / References

Christensen, P. & James, A. (Eds.) (2000, 2008, 2nd ed.). *Research with children: Perspectives and practices*. London: Routledge.

Danic, I., Delalande, J. & Rayou, P. (2006). *Enquêter auprès d'enfants et de jeunes, Objets, méthodes et terrains en sciences sociales*. Rennes: PUR.

Fine, G. A. (1999). Methodological Problems of Collecting Folklore from Children. In B. Sutton-Smith, J. Mechling, T.W. Johnson, & McMahon, F. R. (Eds.), *Children's Folklore: A Source Book* (p. 121-139). New York and London: Garland Publishing.